

A presença e a materialidade da comunicação

The presence and materiality of communication

Bárbara Bergamaschi Novaes

Mestranda no programa de Pós-Graduação em Artes das Cenas (PPGAC/ECO-UFRJ), na linha de pesquisa Poéticas Da Cena: Teoria E Crítica e formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) com habilitação em Rádio e TV.
E-mail: barbarabergg@gmail.com

Submetido em: 05/06/2017

Aceito em: 02/07/2017

RESENHA

RESUMO

Nesta resenha nos debruçamos sobre a mais recente obra de Hans Ulrich Gumbrecht publicada no Brasil sob o título de *Nosso amplo presente* (2015). Nesta nova publicação o filósofo expande suas reflexões acerca da Presença, agora voltando-se para a percepção do tempo no contemporâneo e para os efeitos da globalização. Veremos como o autor constrói, ao longo dos capítulos, um diagnóstico dos nossos tempos elaborando uma tese que costura a história da epistemologia da observação de segunda ordem (inspiradas nas teses de Michel Foucault, Niklas Luhmann e Reinhart Koselleck) com uma crítica em resposta ao “cinismo” herdado do relativismo pós-moderno pós Lyotard. A tese central de Gumbrecht é a de que não vivemos mais o cronótopo histórico Moderno e sim um novo cronótopo nomeado por ele de: amplo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização; Presença; Pós-hermenêutico Cronótopo; Hipercomunicação.

ABSTRACT

In this analysis, we approach Hans Ulrich Gumbrecht’s most recent thoughts and hypothesis present on his book *Nosso amplo presente* (2015). In this new publication, the philosopher expands his reflections on the concept of Presence, now focusing on the effects of Globalization in the perception of time. We will verify how the author realizes a diagnosis of the Contemporary elaborating a thesis that per pass the history of the epistemology (theses of Michel Foucault, Niklas Luhmann and Reinhart Koselleck) allied with a critique in response to the “cynicism” derived from postmodern relativism (inherited from Lyotard). The central thesis of Gumbrecht is that we no longer live the modern historical chronotope, but a new chronotope named by him as “ample present”.

KEYWORDS: Globalization; Presence; Post-hermeneutic; Chronotope; Hypercommunication.

Gumbrecht inicia seu novo trabalho de forma um tanto bem-humorada, afirmando já na introdução que, como seu colega Hayden White, teve “apenas uma idéia boa” em toda sua carreira - o que, para ele, não é algo grave já que “a maioria das pessoas nem sequer chega a isso”. Trata-se da insistência do filósofo, nas últimas quatro décadas, em apontar para as dimensões de Presença no encontro das “coisas-do-mundo”. Para compreender o último livro publicado pelo autor, tomamos, portanto, a liberdade de retornar às suas premissas filosóficas, de forma bastante resumida, a fim de introduzir ao leitor os conceitos seminais que permeiam sua obra e culminam nos desdobramentos atuais.

Em seu livro *Produção de Presença* (2010), Gumbrecht conjugou o conceito de materialidades da Comunicação na tentativa de apreender aquilo que está fora do escopo hermenêutico. “Originalmente, materialidades da comunicação eram todos aqueles fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem o sentido em si”. (Gumbrecht, 2004, p. 28). Gumbrecht, na mesma esteira da proposta de Susan Sontag, opera dentro de um campo de estudo denominado pós-hermenêutico, onde o que importa não é a significação, e sim a descrição desses fenômenos físicos que participam da produção de sentido, mas não se manifestam no próprio sentido. O objetivo, portanto, seria o de identificar elementos constitutivos das formas de Comunicação sem subjugá-los à significação ou à interpretação.

Hermenêutico, no entendimento do autor, se refere à tradição da interpretação dos fenômenos presentes na filosofia clássica herdada de Descartes que irá fundar o método científico. Nessa corrente cartesiana, a análise de um fenômeno deve ser feita com o sujeito se afastando do objeto de estudo, evitando assim qualquer interferência do campo afetivo e físico, para que a leitura do resultado, ou a análise, seja a mais próxima da ‘verdade’. O “campo hermenêutico” seria a instância de afastamento da presença dos objetos que prima por sua interpretação. “O campo hermenêutico produz o pressuposto de que os significantes da superfície material do mundo nunca são suficientes para expressar toda a verdade presente na sua profundidade espiritual, e, portanto, estabelece uma constante demanda de interpretação como um ato que compensa as deficiências da expressão (Idem, 1998, p. 12-13). Gumbrecht, na contramão dessa tradição filosófica, insiste, portanto, nas percepções empíricas e subjetivas do sujeito, demonstrando como as obras de arte, ou “coisa-no-mundo” são capazes de nos impactar sensorialmente, afetivamente e fisicamente. O autor estrutura diversas de suas preposições a partir de premissas e conceitos do filósofo Martin Heidegger, do qual poderia ser considerado um

seguidor.

Quando Gumbrecht (2010, p. 13-14) procura definir o que seria a “produção de presença”, ele afirma que uma coisa presente deve ser tangível, o que implica que para haver Presença deve-se ocorrer o impacto imediato entre corpos. Gumbrecht usa a palavra “produção” no sentido da sua raiz etimológica do latim *producere*, o que se refere ao ato de “trazer para diante” um objeto no espaço. A palavra “produção” não estaria, portanto, associada à fabricação de artefatos ou de material industrial, mas sim ao “trazer à tona”, tornar visível, mostrar. Por sua vez “Produção de Presença” apontaria para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos “presentes” sobre corpos humanos. Ou seja, se dá necessariamente em uma relação tátil e corpórea com o objeto, conjugando sentidos-outros como, por exemplo, tato, olfato e audição - e não apenas visão e cognição, privilegiados pelo modelo cartesiano. “A essa relação chamo presença. Podemos tocar objetos ou não. Os objetos, por seu turno, podem nos ‘tocar’ (ou não), e podem ser experimentados como se impõem ou como coisas inconsequentes” (Ibidem, p. 13-14).

Já em *Atmosfera, Ambiência e Stimmung* (2014), o autor usa a frase da escritora ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, Toni Morrison, para exemplificar o que seria o *stimmung* ou atmosfera das obras literárias: “ser tocado, como que de dentro” - ideia semelhante à presente no poema de Fernando Pessoa: “o que em mim sente está pensando” (Pessoa, 1995). Nesse sentido, não haveria distinção entre a sensação e a cognição, pois ambos ocorreriam simultaneamente, “as atmosferas e os estados de espírito, tal como os mais breves e leves encontros entre nossos corpos e seu entorno material, afetam também as nossas mentes” (Gumbrecht, 2014, p. 14). O autor, portanto, defende uma análise voltada em especial ao *Stimmung* e à materialidade da comunicação, seus efeitos no leitor, uma relação necessária com os corpos, com o mundo material e os fenômenos da dimensão física.

Para Gumbrecht, ao lermos uma obra literária do século XIX, somos colocados diante do “presente do passado em substância” - não diante de uma mera representação do passado, mas sim diante da Presença deste passado. Para o autor a Presença pode ser entendida como uma espécie de “passageiro clandestino” que pode “produzir efeitos e irradiar a energia, ao mesmo tempo que escapa a possibilidade de ser identificada e apreendida” em sua totalidade (2015, p. 11). Quando disserta sobre a atmosfera nas obras literárias, o teórico propõe que, para além da obra em questão, seria possível “capturar os ambientes predominantes de situações históricas mais abrangentes, a partir da análise de obras de diferentes origens, formas e conteúdos” (Idem, 2014, p. 27). Para o autor as obras e expressões

artísticas de uma determinada época são dotadas de uma atmosfera única e particular, mas também são capazes de absorver uma atmosfera histórica, devolvendo esta ambiência para o leitor, que a atualiza em uma nova experiência contemporânea.

O Tempo e a Cultura Contemporânea

Finalmente, em seu novo livro, *Nosso amplo presente* (2015), Gumbrecht aplica e expande suas reflexões filosóficas acerca da Presença, agora voltando-se para a percepção do tempo no contemporâneo e para os efeitos da globalização - se concentrando, em especial, na estrutura epistemológica do sujeito do século XIX até os dias atuais. O autor procura fazer um diagnóstico dos nossos tempos elaborando uma tese que costura, ao longo dos capítulos, a história da epistemologia da observação de segunda ordem (inspiradas nas teses de Foucault e Niklas Lehmann) com uma crítica de teor melancólico, uma resposta ao “cinismo” herdado do relativismo pós-moderno. A tese central de Gumbrecht é a de que não vivemos mais o cronótopo histórico Moderno e sim um novo cronótopo nomeado por ele de amplo presente.

Para entendermos melhor o que ele busca ao falar do cronótopo histórico Moderno precisamos nos voltar para os estudos do historiador Reinhart Koselleck, que conceituou o período de 1780 a 1830 como: *Sattelzeit*, em português: “tempo-sela” ou “período-sela”. Para o historiador este é o momento em que surge uma nova estrutura epistemológica que define o que seria o sujeito moderno. Gumbrecht define este cronótopo moderno em seis pontos (esta metodologia de enumeração de argumentos é bastante utilizada por Gumbrecht ao longo de todo o livro, o que torna o texto bastante didático):

1 - A humanidade ‘historicamente consciente’ se imagina movimentando-se no tempo em sentido linear e evolutivo. 2 - O ‘pensamento histórico’ pressupõe que todos os fenômenos são influenciados pela mudança no tempo, ou seja, o tempo surge como agente absoluto de transformação. 3 - A humanidade acredita que vai deixando para trás o passado, o presente está sempre à frente do passado, que é depreciado em favor do futuro. Olham para o passado apenas como modo de aprendizado, a fim de não cometer os mesmos erros. 4 - A humanidade constrói o seu caminho em direção ao futuro, o qual se apresenta como um horizonte repleto de possibilidades. 5 - O presente se estreita até ser um “breve momento de transição, já não perceptível”. 6 - O presente, assim estreitado dessa História, constituiu-se como o hábito epistemológico do sujeito cartesiano. Este era o lugar do sujeito

moderno, que poderia olhar de forma distanciada (de segunda ordem) para o passado, adaptando suas experiências presentes em direção a um futuro, podendo fazer escolhas de acordo com o que o presente imantado pelo passado lhe oferecia.

Este cronótopo moderno - baseado em uma consciência histórica, que se imagina numa passagem de tempo linear e acredita no futuro como horizonte evolutivo repleto de possibilidades de melhorias - se tornou obsoleto e incapaz de dar conta da experiência contemporânea. Gumbrecht afirma que estamos vivendo a ascensão de um novo cronótopo onde o futuro se apresenta como uma dimensão fechada a qualquer prognóstico e parece aproximar-se como ameaça, devido ao aquecimento global, às crises ecológicas, às guerras nucleares e mundiais. Nesse novo cronótopo o passado passa a inundar o presente, por conta da tecnologia informacional e dos sistemas eletrônicos automatizados de memória como os computadores, hardwares e servidores que armazenam quantidades imensuráveis de informações e documentos.

Em vez de oferecerem pontos de orientações, os passados inundam o nosso presente; os sistemas eletrônicos automatizados de memória têm um papel fundamental nesse processo. Entre os passados que nos engolem e o futuro ameaçador, o presente transformou-se numa dimensão de simultaneidades que se expandem. Todos os passados da memória recente fazem parte deste presente em ampliação; é cada dia mais difícil excluirmos do tempo de agora qualquer tipo de moda, ou música, das últimas décadas. O amplo presente, com seus mundos simultâneos, oferece sempre e já, demasiadas possibilidades; por isso a identidade que possui – se possui alguma – não tem contornos definidos (Gumbrecht, 2015, p. 16).

Assim, após essa breve introdução da sua hipótese, no primeiro capítulo, Gumbrecht busca diferenciar dois tipos de cultura: a Cultura de Sentido e a Cultura de Presença. As culturas de sentido são aquelas calcadas numa representação, no pensamento metafísico, hermenêutico, que tem por base a interpretação das coisas e a projeção de uma ação sobre o mundo. Esta cultura estaria mais associada ao primeiro cronótopo: o cronótopo histórico moderno. Na cultura de sentido, o sujeito se encontra numa posição de excentricidade em relação ao mundo das coisas, para o qual ele atribui sentido – expressa na máxima de Descartes “Cogito Ergo Sum” que caracteriza as correntes de pensamento Iluministas e epistemologia da era Moderna. A cultura de sentido está presente no historicismo de Foucault quando o filósofo identifica que o sujeito passa a se voltar para o próprio sujeito, quando se historiciza a própria História. Já na cultura de presença, pelo contrário, os seres humanos se consideram parte do mundo dos

objetos, ao invés de estarem ontologicamente separados deles. Seria o caso da cultura cristã na Idade Média, em que se integravam as existências espirituais e físicas ou mesmo nas culturas orientais e nas ditas “tribais”. Nessa cultura, os humanos não desejam modificar seu mundo através da ação, mas apenas inscrever seu comportamento naquilo que consideram estruturas e regras de uma cosmologia. A cultura de presença seria a da experiência mística, da epifania e dos rituais.

Gumbrecht então, no capítulo seguinte, busca demonstrar como os processos da globalização e de desenvolvimento das comunicações em massa - como a internet, a telefonia móvel, as redes sociais e os computadores - reforçam a Cultura de Sentido. O autor busca evitar a tentação de elogiar ou reprovar os efeitos da globalização e busca interpretá-los sob uma perspectiva existencialista e antropológica, demonstrando de que forma estes efeitos impactam as estruturas individuais em situações do cotidiano, e não considerando seu impacto macro no sistema econômico ou na sociedade. O autor oferece assim uma variada gama de exemplos retirados de experiências empíricas pessoais (o que está de acordo com sua proposta metodológica pós-hermenêutica) como: uma viagem à cidade Ouro Preto, em que escuta Michael Jackson no rádio do carro; o fim da Futureland na Disney; a experiência de retirar dinheiro em caixas eletrônicos ATM; o surto de reality shows como Big Brother; a arquitetura dos aeroportos com design asséptico e padronizado; a presença constante de grandes marcas de lojas como McDonalds e Starbucks, disseminadas pelos quatro cantos do globo; os fenômenos de celebridades como Paris Hilton e David Beckham; entre outros fenômenos da indústria cultural que presencia no cotidiano.

Para o autor nada é mais cartesiano do que todos os tipos de comunicação eletrônica na contemporaneidade. Nas redes e na internet há uma espécie de cognição abstrata e representativa em sua máxima potência, pois no mundo virtual nos liberamos das experiências com o corpo e com o espaço. “A hipercomunicação, baseada na eletrônica, traz à sua insuperável realização o processo de modernidade, como processo em que o sujeito humano enquanto pura consciência se emancipou e triunfou sobre o corpo humano e outros tipos de resistência” (Gumbrecht, 2015, p. 127). Assim, ele afirma que a globalização pode ser entendida como uma extensão da modernidade, que emancipa o sujeito dos sentidos, separa mente e corpo, privilegiando a cognição cartesiana, permitindo que o sujeito, surfando nas ondas virtuais e imateriais das redes, se torne independente da dimensão do espaço e do seu entorno físico.

Assim o autor afirma que a globalização vem rarefazendo as possibilidades de situações chamadas por Heidegger de *Erlebenou*, em português “experiências vividas”, situações as quais não dispomos

de conceitos prontos-a-usar previamente elaborados e abordados. Em outras palavras, perdemos a capacidade de nos surpreender e nos espantar no encontro com as “coisas-em-si” do mundo. Ele identifica, entretanto, oscilações e polaridades neste cenário, em que crítica cultural e política criam um campo de forças que insiste na exigência da Presença. É o que o autor denomina “reações de resistência”, em que é possível delinear uma “antropologia negativa” dos efeitos da globalização. Seria o caso dos movimentos sustentáveis e ecológicos de proteção ao meio ambiente, o clamor pela preservação das culturas indígenas, a revalorização do regionalismo e de dialetos regionais em oposição ao inglês como língua koiné, a popularização da tatuagem e outras práticas de auto-agressão como piercings, as viagens turísticas que vendem experiências de intensidade e aventura, a celebração da memória e de sítios históricos, bem como o aumento do valor dado aos esportes, a dança e as performances na arte contemporânea. Todas experiências de intensidade com o corpo e reconciliação com a terra como um “lar”, sintomas de um desejo ubíquo de recuperar o corpo humano como dimensão fulcral da existência individual, o que ele conceitua como “Existencialismo Ecológico”.

No terceiro capítulo, ou ensaio, Gumbrecht aplica sua tese do novo cronótopo ao cenário acadêmico e da crítica, traçando um breve panorama sobre os estudos das Humanidades nas universidades que frequentou ao longo dos anos. Ele demonstra como a área das Humanidades sofreu uma drástica quebra de paradigmas com o surgimento das teorias de Jean François Lyotard em A Condição Pós-Moderna que põe fim aos grand recits e discursos totalizantes. Grandes paradigmas teóricos do último século, das teorias mais “duras” às mais “leves”, como o marxismo, o estruturalismo e o historicismo passam a ser desconstruídos. Gumbrecht aponta que todos esses paradigmas eram estruturados sob os mesmos princípios fundadores: o da crença no cronótopo histórico Moderno, sob a mesma moldura do “desenvolvimento” e calcados no cientificismo como base para o progresso da humanidade. Estas mesmas “crenças” estão na base tanto do socialismo quanto do capitalismo, que, segundo Gumbrecht, também entram em crise, não coincidentemente. No ambiente acadêmico contemporâneo, as grandes sínteses, teses e conjecturas aprendidas caem, portanto, em descrédito, o que não significa necessariamente um sintoma de decadência acadêmica.

Nos primórdios do século XXI, como dito anteriormente, o futuro não se apresenta mais como horizonte de possibilidade aberta à ação (Handeln), mas sim como algo com contornos apocalípticos e escatológicos, semelhantes àqueles das estruturas temporais da Idade Média (ou seja, da Cultura de Presença). Assim, no contemporâneo, tornando-se de costas para o futuro, o sujeito volta-se para

o passado e a fronteira entre estes dois tempos se torna porosa. O sujeito se encontra agora em uma disposição estagnada e que, para Gumbrecht, se assemelharia a uma “profunda depressão”. Se torna, portanto, imperioso “ganhar tempo” apesar de não se saber em qual direção seguir, move-se no tempo sem sair do lugar. O passado, em constante expansão, impede que se esqueça seja o que for e o tempo passa a se apresentar como uma simultaneidade de presenças. Estas seriam as características fundadoras do novo cronótopo do “Amplio presente”. Gumbrecht aponta para uma contradição que surge com a chegada deste novo cronótopo: o da obsolescência da tecnologia e da própria informação. Ele aponta para o curioso fato de que hoje é possível capturar e armazenar milhares de fotos que, no entanto, são raramente vistas ou acessadas, se convertendo rapidamente em um arquivo “morto” nos computadores. Ele se questiona: para que servem grandes bancos de dados de armazenamento de conhecimento online (como o Google) senão sabemos o que fazer com esse conhecimento?

Como resposta à essa pergunta Gumbrecht (2015, p. 69) aponta para a importância da figura do “novo intelectual”. Ele faz então um paralelo (um tanto provocador) entre essa nova figura e a personagem do romance *Homem Sem Qualidades* de Robert Musil, o bibliotecário que conhece todos os livros do mundo sem nunca ter lido nenhum deles. Para Gumbrecht (2015, p. 73), o novo intelectual estaria se encarnando na figura do Curador, um produtor de cultura que sabe, em primeiro lugar e acima de tudo, onde e que tipo de conhecimento e de objetos culturais encontrar. É ele que consegue, nas miríades da informação, organizar a entropia, produzindo um novo sentido a partir do recorte, da colagem e da montagem - permitindo assim que os espectadores se localizem, encontrem o seu lugar na cultura e revivam as “qualidades experienciais guardadas nos objetos ao longo dos séculos”, antes perdidas na intensa profusão da memória artificial.

Esse novo intelectual passa a não ficar restrito ao universo acadêmico e teórico e circula por um cenário que valoriza os “eventos culturais”, patrocinados muitas vezes por instituições estatais e empresas multinacionais. A arte passa assim a ser inserida nos centros das grandes metrópoles os chamados “pontos de concentração”, como a Zona dos Museus no centro de Viena, onde ocorrem eventos culturais que operam dentro de uma lógica de constante oferta e consumo de cultura. Neste novo sistema não é mais preciso ter uma educação tradicional rigorosa, em que se absorve as “boas maneiras” por osmose e as “técnicas corretas” para se tornar um artista ou apreciador da arte. Hoje a “construção de si” (o *Bildung*) ocorre de forma autodidata por toda a vida e o artista é incentivado a estar em eterna formação (realizando residências, oficinas, workshops, novos projetos, etc.). O artista é treinado

ou condicionado a estar sempre produzindo com fins de alimentar os diversos circuitos de galerias e festivais do mundo. Gumbrecht (2015, p. 75) sugere que essa nova fórmula de produção e fruição da arte poderia estar revogando a noção de “autonomia estética” e da “arte desinteressada” herdada de Kant, construída por um certo idealismo filosófico que considerava que a experiência estética só ocorria em momentos de suspensão do cotidiano, e que ofereciam alternativas “celestiais” à prosa da vida. Na atualidade, não haveria mais essa descontinuidade entre arte e o dia a dia da economia e da política. O autor propõe que talvez, ironicamente, agora a arte esteja se aproximando da utopia central que animava as vanguardas históricas: a de uma arte integrada à vida. E provoca: “sentir-se ofendido com este fenômeno (...) soaria a crítica cultural mais antiquada”.

No quarto ensaio, o autor, sendo um assumido fã do beisebol e futebol americano, se dedica inteiramente a falar da volta da valorização dos esportes e de grandes eventos mundiais como Olimpíadas e Copa do Mundo. O autor identifica que, entre os séculos XIX e XX, os esportes voltam gradativamente a ter um papel de atividade nobre, semelhante ao patamar social que ocupavam na Grécia Antiga. Ele defende que os espectadores que vão a uma partida em um estádio participam de, nas suas palavras, “um corpo místico” uma forma moderna de experiência religiosa e que, ao presenciarem uma “bela jogada” experimentaríamos uma “epifania da forma”, ou seja, a forma temporalizada que se realiza e se esvai durante o próprio processo de sua feitura. Gumbrecht sugere que essa emergência poderia ser associada a estratégias de reencantamento e de resistência à Cultura de Sentido em prol da Cultura de Presença.

Já no quinto ensaio, Gumbrecht dá alguns exemplos de experiências concretas como professor nas quais percebeu a ascensão de uma nova relação de discentes e pesquisadores com os clássicos, bem como a releitura da noção de “cânone”. Ele arrisca identificar estes fenômenos como outros sintomas da alternância do cronótopo histórico Moderno para o novo cronótopo do amplo-presente. A crise do historicismo permite, na suposição de Gumbrecht, que as novas gerações se relacionem com os clássicos não mais de forma desconfiada e crítica. Os leitores não se valem mais de um distanciamento hermenêutico cartesiano das gerações anteriores que procuravam desvelar o contexto histórico das obras, expor as ideologias veladas para assim subvertê-las de forma deliberadamente política. Hoje, os novos leitores dos clássicos partem de uma perspectiva “existencialista”, em que eles se relacionam com as obras através das dimensões do afeto, da elegia, da melancolia, da tragédia e das sensações, buscando chegar ao fundo de uma “dialética da emoção” - o que na linha de Heidegger poderia ser

denominado como uma prática da “piedade da leitura”.

O sexto ensaio é o mais confessional e autobiográfico do autor. Nele, Gumbrecht se queixa de forma bastante humorada das demandas do mundo da hipercomunicação. O autor se abstém de dizer se as novas formas de comunicações são “boas” ou “más”, mas é possível perceber, no desenvolvimento do texto, que ele possui uma inclinação bastante negativa e reativa em relação às novas tecnologias. Através de suas experiências empíricas e subjetivas, ele busca demonstrar o que diferem as tecnologias do século XXI dos demais avanços das comunicações (como telefone, gramofone, rádio, correios e televisão) do século passado. A questão-central para Gumbrecht não seria a particularidade específica por meio da qual as novas tecnologias copiam ou excedem a performance possível de um humano, mas sim a sua ubiquidade (2015, p. 115). Para o autor, convivemos com a hipercomunicação em condições análogas a da escravidão ou da adição (vício).

Sua principal queixa é a de que as novas tecnologias nos obrigam a estar constantemente disponíveis, e assim não temos mais o privilégio sobre a administração de nosso próprio tempo, estaríamos sempre sendo pautados por demandas externas. As novas tecnologias estariam colocando os seres humanos em situações de dependência e vitimização, que reduzem drasticamente o seu alcance de agenciamento e de eficiência (ou seja, subverte sua própria função inicial). Além disso, não há mais espaço para o lazer e o ócio, nas mais variadas situações (como o clássico jantar entre amigos), há sempre o momento em que seus colegas se voltam para as telas de seus celulares, respondendo emails de trabalhos, em um regime de dedicação full-time, 24/7. Gumbrecht alerta que estamos reduzindo a existência humana a uma única experiência: a posição invariável de estar em frente às telas.

Estamos na frente dela quando cumprimos nossos deveres profissionais, quando nos comunicamos com aqueles que amamos, e acima de tudo, sempre que paira a ameaça da solidão. E isto porque trocamos a dor da solidão causada pela ausência física pela eterna meia-solidão daqueles que estão infinitamente disponíveis (Gumbrecht, 2015, p. 128).

Gumbrecht demonstra que é reticente às diversas novas tecnologias, como as redes sociais, o Power Point, os smartphones e o ‘correio eletrônico’ (vulgo “e-mail”), para os quais ele tem pouca paciência, manejo e se recusa a utilizar - o que ironicamente contradiz sua metodologia empírica de “abertura” para com as “coisas-do-mundo”. Alternando entre a autoironia e a autoindulgência, ele busca

se redimir de sua postura, ao afirmar que por pertencer a uma “terceira idade” (estava com 61 anos na época) isso o tornaria ‘naturalmente’ propenso à tecnofobia. O autor admite que sua resistência se deve ao fato de ter tido poucos anos para conseguir assimilar as mudanças tecnológicas de um modo confortável, diferente de seus alunos que conseguem conviver nesse mundo de forma mais orgânica. “O que mais temo quando uso tecnologias de comunicação com as quais não cresci é uma embaraçosa ausência de graça no meu comportamento. A razão mais forte da minha atitude anti-eletrônica é um julgamento estético antecipado da minha pessoa” (Gumbrecht, 2015, p. 120).

Assim ele lamenta, de forma um tanto nostálgica, das experiências perdidas da sua forma de “ser-no-mundo” e conclui: em decorrência das novas tecnologias estamos rapidamente perdendo a capacidade de ser um corpo, ou seja, perdemos a capacidade de deixar o corpo ser uma condição ampliadora da nossa existência. Gumbrecht, entretanto, opta por não considerar em sua análise as novas tecnologias de imersão em realidade virtual, que surgiram nos anos recentes, como os cinemas 4D, o Oculus Rift, e uma série de emuladores e videogames (como o Wii da Nintendo), que conjugam experiências de “volta do corpo” aliado às telas e écrans da hipercomunicação.

Na conclusão, o teórico e filósofo resume sua tentativa de descrever o amplo presente em quatro oscilações fulcrais que alternam entre polaridades opostas, que não podem ser mediadas nem “resolvidas”. A primeira oscilação seria entre a necessidade de preservar o planeta e a dimensão concreta da vida que está em vias de desaparecer e o ceticismo filosófico que nos coloca diante da impossibilidade de conhecer os objetos externos à linguagem, em que tudo não passa de mera “construção social da realidade”, o que sugere que seria impossível chegar ao “realmente real”. A segunda oscilação seria relativa à dimensão corpórea da existência, se por um lado desejamos ter independência para experimentar nossos corpos enquanto objeto de jogo e de experimentação sem intervenção do Estado (fruir de plena liberdade sexual desde que com consentimento e praticar esportes radicais, por exemplo), em outro pólo temos a exigência que o Estado se ocupe do cuidado dos corpos velhos e doentes, o que demonstra que o corpo e a vida não estão inteiramente à disposição do sujeito individual. Na terceira oscilação o autor disserta sobre a flutuação do poder, poder entendido como: “(...) violência que passou da esfera da ação e do efeito imediato para o reino do potencial bruto” (2015, p. 135). Por um lado, no mundo ocidental elimina-se progressivamente a força militar como instrumento político em um esforço para substituí-las por iniciativas humanitárias e diplomáticas, porém, por outro lado, os sujeitos passam a exercer violência sobre o próprio corpo ao se submeterem a cirurgias plásticas, distúrbios

alimentares, piercing, tatuagens e suicídio (desejo de afirmar a presença do próprio corpo através da dor) e a obrigação “auto-escravizante” da eterna disponibilidade do corpo para a hipercomunicação.

A quarta e última oscilação diz respeito ao pensamento no amplo presente. Hoje, para Gumbrecht, devido à mídia eletrônica, pensar se tornou, mais do que nunca, sinônimo de circular. Os intelectuais não precisariam mais construir edifícios sólidos do pensamento, mas sim seu papel e ação principal se tornariam o que Gumbrecht representa na figura de linguagem: de “passar a bola”. A “bola” deve estar em constante movimento, numa eterna posição de descoberta, e assim nessas condições desaparecem os grandes pensadores. Em outro polo, convive-se com a ideia do “pensamento como práxis de dimensão da existência”, ou seja, sem objetivos práticos, feito de forma demorada e solitária, se configurando como forma de ação revolucionária, uma resistência à mobilização geral acelerada do pensamento (representada pelo método de Jean-François Lyotard). Gumbrecht conclui seus escritos “jogando a bola” adiante, afirmando que apenas esboçou, de forma modesta, os contornos da vida no presente, uma tentativa de lançar um primeiro olhar e especulações iniciais sobre este novo cronótopo do amplo presente ainda não plenamente delimitado em que mais do que oferecer “respostas” para os diversos fenômenos atuais, ficamos com a constatação de um “desejo de presença” latente no presente, no sujeito contemporâneo, bem como no próprio autor.

Referências bibliográficas

GUMBRECHT, Hans U. Produção de Presença. Rio de Janeiro. Editora Contraponto. 1ª Edição 2010.

_____. Atmosfera Ambiente Stimmung - Sobre um Potencial oculto na Literatura. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2014.

_____. Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea. Tradução Ana Isabel Soares. São Paulo 1ª Edição Editora Unesp, 2015.

SONTAG, S. Contra a Interpretação. Porto Alegre: LP&M, 1987.

PONTY, Marleau. O cinema e a Nova Psicologia. In: XAVIER, Ismail (org). A Experiência do cinema: Antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasilme, 1983.